

# MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

ANO II

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 12

São Paulo, Janeiro-Fevereiro de 1957 — Caixa Postal, 8503

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

## O Patrianovismo e o Mundo Árabe

1. Vivemos trágicamente um mundo cismático.

Há quase 200 anos, após uma preparação ímpia, gerada no neo-paganismo renascentista, agravada na secessão da dita "reforma", piorada na sequência dos déspotas "esclarecidos" pelo iluminismo dos pedreiros-livres e logo culminado na traição teológica e política total do rompimento com Deus e com a sua Igreja na Revolução pseudo-francêsa — o mundo desmedievalizado, descristianizado, descatholicizado no naturalismo anti-teísta, no racionalismo orgulhoso e satânico, no liberalismo preunçoso e rebelião bem como no mediocre democratismo inferiorizador e anti-hierárquico, tornou-se isso que aí está, até sumir-se voraginosamente no caos socialista de todas as gradações, desde o róseo fascismo até o rubro comunismo totalitário, sem Deus e contra Deus.

2. Por isso, afirmará Goethe: "Tornar-se-á mais sábia e mais percuciente a humanidade, mas não melhor, nem mais feliz, nem mais activa. Vejo chegar o tempo em que lhe retirará Deus a sua complacência e terá novamente de destruir tudo para renovar a criação".

Faz-lhe respondência Niebuhr, em 1830: "Se Deus não nos ajudar com um milagre, a nossa época irá ao encontro de uma destruição iminente, comparável à que atingiu o mundo romano pelos meados do terceiro século da nossa era: uma destruição do bem-estar, da liberdade, da cultura, da ciência".

Nem é menos duro Ranke, na quarta década do século passado: "Antes, recorda ele, eram comuns a todos as grandes convicções: sôbre a base delas, podia-se progredir. Hoje, tudo é por assim dizer pronunciamiento e nada mais. Nada se incorpora mais ao real, tudo se dissipa. O que vai mais longe exprime apenas o sentimento de um partido e só acha eco no seu grupo". Vide Karl Jaspers, La situation spirituelle de notre époque.

3. Vivemos, pois, trágicamente um mundo cismático. As colectividades estão (pelo menos em seus comandos estatais) abertamente contra Deus ou praticamente, em seu estulto naturalismo auto-suficiente, negam a Deus.

Por outro lado, e conseqüentemente, perdida a velha sabedoria, perdido o senso de justiça, abandonada a caridade, andamos todos — classes, raças, estados e nações — divididos uns contra os outros. Fundamentalmente, patenteamos uma ferocíssima INIMIZADE GERAL.

Tão grave não fôra a significação do facto, vivêssemos porventura antes da Revelação, antes do Cristianismo.

x x x

4. Foi ponderando isso que voltámos a uma velha meditação nossa sôbre o tema da amizade. E confirmámo-nos na certeza de proceder ela amiudadas vêzes e paradoxalmente de uma inimizade ocasional.

Não será, conseqüentemente, possível brotar das caliginosas trevas de tamanhas desavenças a alvorada de uma venturosa paz cristã?

E daí viemos a cair num aspecto da Doutrina Patrianovista, referente ao último artigo do nosso programa, ainda não expli-

citado: as nossas futuras relações com o Mundo Árabe.

Ainda há pouco, confirmava o rei Ibn Saud a devoção e amícia dos árabes à Espanha. Poderia aliás estendê-las às Espanhas, aos Hispânicos em geral, isto é aos espanhóis e neo-espanhóis, assim como aos lusitanos, a saber portugueses e brasileiros.

5. Qual a origem remota dessa ligação afectiva entre o mundo hispânico e o mundo árabe? Uma guerra, uma tremenda invasão, seguida da convivência ora calma ora tormentosa durante oito centúrias, valorizada pela inter-transusão de cultura e de sangue. Nasceu, porconsequente, duma inimizade acidental essa hoje consolidada boa-vontade reciproca que, como exemplo modelar para todos os briguentos deste pequeno orbe terráqueo, se nutrem todos os hispanos e os povos adstritos à cultura arábica ou à própria raça árabe.

x x x

6. Há uns vinte anos, publicávamos, em jornais patrianovistas e outros, o artigo "Século vinte, o grande século unitário". Tratava-se apenas de exposição de uma das facetas da universalista doutrina de Pátria-Nova, encarando este século como o das vastíssimas alianças supranacionais, nacionais e culturais (antes de tudo baseadas no espirito), mas de que advirão também, ademais da sempre desejada unidade religiosa, largas vantagens económicas e de bem-estar temporal generalizado.

7. Cremos firmemente estarmos nós os lusíadas (ainda silenciando sôbre os outros hispânicos), cremos estarmos nós os lusíadas — brasileiros e portugueses — preparados psicologicamente para realizar a nossa parte não diminuta no mundo unitário, que já desponta, logo após a próxima derrota fragorosa das paranoias totalitárias, isto é democráticas, socialistas e bolchevistas, ora estrebuchantes.

E não se pense tratarmos de algo que ainda precisa começar. Já se começou há muito tempo. "Colheita" lhe quadra muitíssimo bem. E só tomar conhecimento do que se passa no mundo ultramarino português, onde vivem e prosperam em paz ombro a ombro (embora por vêzes com fé religiosa diferente) portugueses multicores e populações ismaelitas. Objectivamente o lembra Gilberto Freyre: — "... Enquanto ingleses e holandeses, calculistas e metódicos, tendo semeado ventos de furor, e ao mesmo tempo de sistemática imperial por esses mesmos espaços, colhem hoje tempestades na Ásia e na África, o português é, no Oriente, em Moçambique, na Angola, na Guiné, em São-Tomé, em Cabo-Verde, na América, menos um povo imperialmente europeu que uma gente ligada pelo sangue, pela cultura e pela vida a povos mestiços e extra-europeus. Daí os próprios africanos dividirem os homens em "europeus", "africanos" e "portugueses", como eu próprio verifiquei em conversa com um prêto do Congo Belga que me pediu dinheiro para "matar o bicho"."

E donde derivou o português esse método de convivência lhana e cristã verdadeira com os povos afro-asiáticos, julgados "inferiores" pelos soberbos nórdicos? — Foi "adoptado pelo português desde os começos do século XV, senão conscientemente, por força de contágio com o mesmo mouro ou árabe, como

base de uma política social, ao mesmo tempo nacional e ultramarina". Vide Gilberto Freyre, Um brasileiro em terras portuguesas, Livraria José Olympio Editora, 1953.

Bom lembrete esse para certos tolos e ignorantes, amigos de comparar o povoamento português do Brasil com a colonização de ingleses, franceses e holandeses... em desfavor nosso.

X X X

8. Sem quereremos recorrer a outros dados culturais que, em casa, no Brasil, nos prendem ao mundo árabe (Também aqui não vem ao caso a nossa fundamental Latinidade Cultural Cristã), importa não esquecer haveremos assinado um tratado solene com a República do Líbano, correspondente ao Tratado de Amizade e Consulta brasileiro-português, base oficial da nossa COMUNIDADE LUSÍADA. Ora, em virtude dos próprios termos dos dois tratados, entende-se que Portugal já está igualmente aliado ao Líbano, como decorrência jurídica.

X X X

9. Sob o signo sobrenatural de Nossa Senhora de Fátima (cuja imagem Peregrina conquistou para Cristo Nosso Senhor as glorificações do Mundo Árabe e Islâmico à Mão de Deus), à sombra da Mensagem Mariana a toda a humanidade, vamos entrar na Idade Nova.

Só o amor de benevolência, diz Tomás de Aquino, só o amor de benevolência, quer dizer o amor que faz com que desejemos o bem de alguém, se assimila à amizade. Não o é o amor falso, egoísta, cúvido e preconceituoso. Cf. Summa Theologica, II-II, 23, 1.º, c.

Aos povos afro-asiáticos levaram os nossos Maiores a Fé e a nossa Cultura e, com elas, uma amizade cooperante, da qual ainda sobejam reliquias até em províncias transferidas a outras influências menos fraternais. Com esse mesmo espírito abordamos os povos árabes.

Ninguém, mais do que nós, os descendentes carnis ou sômetne culturais daqueles inclitos "barões assinalados", tem credenciais afectivas e familiares para procurar e dar cooperação ao Mundo Árabe. Urge aprestarmo-nos para isso. Indica-no-lo a própria Tradição.

10. O Tradicionalismo brasileiro que prepara a nossa Pátria para a sua transcendental Missão histórica chama-se PATRIANOVISMO e é o tractor que rasga as avenidas luminosas da Era Nova para o Brasil e quiçá para todo o mundo.

Na sua humilde mas audaciosa empresa, representa a Fidelidade a Deus e à Nação.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS  
Chefe Geral Patrianovista

R É . . .

A república é um regimen que faz a Nação de cobais. Cada periodo presidencial realiza a sua experiencia e nenhum deles se rebalça (como pensam os sábios eleitos) a continuar a experiencia do outro (o "mediocre" que terminou o mandato), nem aprende coisa alguma com todas as mirificas experiencias anteriores que deram em droga... segundo eles e a verdade...

Eterno recomendo que nada aproveita, nem deixa patavina de definitivo. Quando cessará a farsa?

### PARLAMENTARISMO ETC.

Publicou o simpático Diário Popular a 29.1.57 um artigo sobre a campanha parlamentarista do também simpático Dr. Raul Pila.

Cabem-nos umas notas sobre essa nota. Em face da apresentação de nova emenda por aquêle deputado, constata o articulista que "a tendência da Câmara é no sentido de adoptar a parlamentarismo entre nós". Entretanto, realmente o que no Brasil aconteceu "é que a quase todos domina um forte DESEJO DE MUDANÇA (grifo nosso) e a razão d'esse fenômeno está no desencanto absoluto que o presidencialismo trouxe aos espiritos, depois de sessenta anos de sua vigência no país".

Aí é que redondamente se engana o redactor. O desencanto não é do "presidencialismo" mas da própria república (e é mister ter coragem de confessar essa verdade), ao contrario do que se deu no Império: não havia, nos homens objectivos, realistas, "sociólogos" (entre eles o próprio Imperador) desengano algum quanto às instituições Imperiais, linha constante da nossa tradição real (pois a desordem sediciosa republicana não constituiu tradição, nem o podia), mas quanto ao parlamentarismo, aliás extra-constitucional, imitado e não copiado da Inglaterra, como hoje sim macaqueamos em verdadeiros Estados-Únidos, quando a realidade histórica mostra que cada Nação só vive bem e sobrevive com o Regimen que a firmou e é consubstancial a ela, tal a Monarquia no Brasil.

Concluímos nós Patrianovistas COM LARGOS, SÉRIOS E PROFUNDOS ESTUDOS CALCADOS EM BASES REAIS DO PASSADO E DO PRESENTE (estudos que é ridículo

## QUANTO MELHOR... MELHOR!

Nós os patrianovistas, ao contrario dos inimigos de nossa Pátria, que dizem o "quanto pior... melhor", para mais facilmente atingirem o seu fim e farta aproveitándose do descalabro economico e social gerado pelos continuos DESgovernos em que vivemos e graças aos quais, cada vez mais nos afundamos nós os patrianovistas, dizia, desejamos que a situação brasileira seja: quanto melhor, melhor. Parece, para os que não nos conhecem, contrassenso dizerem os patrianovistas que a Ré pública produz governos bons, o que eliminaria, as chances de instauração de um novo Império. Apesar de termos certeza o que a Ré nunca produzirá um bom governo; nós, entretanto, ardentemente desejamos porque, quanto melhor se governar o Brasil, mais próximo estará o regime que o fizer, do Império que almejamos. Para desgraça do Brasil, porém a república é incapaz de produzir bons governos, seja da nação, da provincia ou mesmo do municipio, dados os vícios intrinsecos ao regime republicano e não aos homens que não sabem, como ignoradamente (ou safadamente, o que é pior) se diz por aí.

X X X

A prova do que afirmamos, nós e teremos em breve, se o candidato Prestes Maia for eleito prefeito de São Paulo. Foi o senhor Prestes Maia um regular prefeito, quando pôde governar sem as peias do BURROcracia republicana e sem a resistência passiva de auxiliares que não lhe foram impostos, porque não foi eleito por partidos, ou sem a resistência passiva de uma câmara de "varredores" isto é, vereadores (perdoem-nos o lapsus calami...) formada em sua arcaizadíssima maioria por... exatamente, você tirou-me a palavra da boca...

Convença-se, caro leitor, o senhor Prestes Maia, apesar do endosseamento que lhe fizeram, através de todos os meios de propaganda possível e imaginável, elevando-o à categoria de semi-deus da administração pública será, se eleito, não mais preferido como o foram seus antecessores, como o seria eu próprio, ou como o seria você, leitor amigo, pelo simples facto de que, no regime republicano, o homem, MESMO o honesto (admitamos para simplificar argumentação que os politicos republicanos sejam honestos...) nada pode fazer de útil, porque os compromissos partidários que é OBRIGADO a fazer ANTES de ser eleito, lhe impõem a nomeação de auxiliares de governo indicados pelos partidos que o ajudaram a elegerem e, fates, é lógico, não farão aquillo que convém ao chefe do governo para bem governar, mas aquillo que convém à sua panelinha partidária e, mesmo, porque não dizê-lo, o que convém aos seus miseráveis interesses particulares.

Os que não concordarem com esta linha de argumentação, que se reportem à última entrevista do senhor Prestes Maia, no programa "Falando Francamente" pela TV-Tupi, canal 3, de 7 de corrente. S.S. ao ser perguntado, se o seu governo seria formado por técnicos ou se por politicos, disse textualmente: "Todos nós sabemos que, no regime em que vivemos, o governante não poderá escolher livremente os seus auxiliares. Os partidos que me apóiam indicarão vários nomes, entre os quais escolherei os meus auxiliares. É possível, entretanto, que um ou dois desses auxiliares sejam de minha livre escolha...". Quem ouvir esse programa poderá confirmar essa afirmação do senhor Prestes Maia. Portanto, se o senhor Prestes Maia for eleito, será apenas malbaratista do que os outros

### LEIA

## Filosofia Política de Sto. Tomás de Aquino

de A. VEIGA DOS SANTOS

Pedidos à Caixa Postal 8503 — Preço: Cr\$ 230,00

### CALENÁRIO PATRIANOVISTA

- 9 de janeiro — Dia da Dinastia Nacional
- 22 de janeiro — Dia do Município (Fundação de São Vicente).
- 28 de janeiro — Dia da Marinha Mercante Imperial.

### BOLETINS PATRIANOVISTAS

O Centro Patrianovista Tenente Antônio João, de São José do Rio Preto, sob o comando inteligente e operoso do velho correligionário e Chefe Paschoal Desencanto, iniciou a publicação dos seus boletins locais, dos quais recebemos o 1.º, com promessa de breve aparecimento do 2.º.

Foi lido em território patrianovista e muito apreciado pelos presentes na sua ortodoxia pura e liberdade de exposição.

Parabéns e obrigados dos Comandos Geral e Provincial. Avante!

(gravel), encerramos com não prestam para nós nem parlamentarismo imperial nem república nenhuma, quer presidencialista (sem descalabro), quer colegial, quer socialista, quer parlamentarista, aliás esta condenada pelos doutos não interessados na própria França, como Charles Benoist e outros. Sobre isto é obrigatória a leitura de "Organização Monárquica do Estado", de Jacques Valdoeur, traduzida e extractada por Veiga dos Santos. Sempre sérios, também os republicanos da propaganda elogiam as repúblicas espanho-americanas... e ignoravam a sua "funcionamento".

O que na verdade impede reconhecer essa conclusão dos patrianovistas que não querem restaurar o Império parlamentar mas planejam instaurar Monarquia nova, orgânica, tradicionalista (pois o Brasil não começou em 1822) — é "um e recio que ainda domina alguns, de mudar o que existe", isto é a república imensa "desgraça completa" na palavra do lamentável e coitado do Marechal Deodoro, e grande beneficiário de Dom Pedro II, que desfez sabiamente o que pôde dos ingentes malefícios do parlamentarismo que se lhe depareou...

ando-se por presuppõsto honestidade em seu trabalho, mas não poderá governar, pois deveria e poderia, se fosse para a Prefeitura, com as mãos livres de compromissos, compromissos estes sobre cujo conteúdo moral nos abstemos de copiar, por lhes desconhecemos tanto a extensão como a profundidade...

X X X

Presente a estufície dos homens, como alguém já disse, encontrar gênios para colocar à frente dos governos, na tentativa de resolver o problema da incapacidade de governo do regime republicano. E' querer de mais, além de pouco útil, pois os gênios são raros, aparecem de século em século, ou de milênio em milênio. O de que precisamos, não é de gênios, nem de santos que nos governem, mas de regime político onde homens simplesmente comuns, iguais aos demais, possam governar o país, a provincia, ou o município, sem o estorvo dos malhões, dos malandros e aproveitadores, que se infiltram nos governos através dos partidos, por efeito de imposições feitas ao candidato, em cambalacho de sub-eleitorais.

Uma das figuras mais notáveis que já ouvi, para espelhar esta situação, é aquela de que: "O regime republicano se assemelha a um piano desafinado. De nada adiantará trazer Federewski ou Guitemer Novais, para tocá-lo. Nenhuma melodia poderá sair d'êlle, pelo simples facto de que está desafinado. Os pianistas serão gênios, mas de que adiantará o seu gênio, se o piano desafinado não lhes permitirá tocar sonatas maravilhosas?"

Éis aí o regime republicano: é o eterno piano desafinado. De nada adiantará chamar gênios para tocá-lo; nenhuma melodia sairá d'êlle, porque não tem condições para isso. De nada adiantará chamar gênios para nos governar; sempre teremos mais governos, porque o regime, CHEIO DE VICIOS, não permitirá que ninguém governe bem este país.

Se quisermos ter bons governos; se quisermos ser bem governados, teremos que afinar o piano; teremos que mudar o regime, cujos vícios intrinsecos não são curáveis. Teremos que implantar o IMPÉRIO ORGÂNICO PATRIANOVISTA, no qual qualquer cidadão poderá produzir um bom governo, porque o regime, através do Imperador, lhe fornecerá as condições próprias para fazê-lo.

X X X

Éis aí o "bustão". Éis aí a questão. Somos mal governados, porque o regime — e não os homens — não presta. Homens bons, há-os por aí aos milhares, sendo aos milhões. O que não temos é regime político que preste. Se quisermos ter governos que, realmente, nos governem, que atendam aos interesses coletivos e não aos interesses de mais dúzia de safados, só há um caminho a seguir e, este é: a DESPROCLAMAÇÃO da RÁ. Entregue-se a direção da nação a D. Pedro Henrique de Bragança, nosso terceiro Pedro, e verão como mudarão as costas. Da treva passaremos à luz; da bagunça à ordem; do desgoverno ao governo real; da desgraça, de miséria, à grandeza e à abastança, como se houvessem sido tocados, por uma vara de condão.

E' esse o remédio tão simples. Tudo depende de você!

José de OLIVEIRA PINHO

### UMA TERTÚLIA DIFERENTE

Na tertúlia do dia 16 p.p., em nossa sede, o Chefe Delegado Prof. Arlindo Baptista Pereira, surpreendeu-nos com agradável festividade, comemorativa de mais um aniversário do nosso D.D. Chefe Geral, Dr. Arlindo Veiga dos Santos. Entre as pessoas grandes, encontrábase o Senhor Duque Prof. Dr. Aúthos Pagano, que proferiu magnífica palestra, finda e qual aproveitou o ensejo para entregar em Dr. Veiga dos Santos os seguintes diplomas honoríficos, aos quais fez jus, pelos seus altos méritos de professor, homem de cultura e internacionalista eminente: — 1. Membro honorário vitalício, na qualidade de "fellow" da American International Academy, de Nova York; 2. Dignidade a honra da Entrelá e Cruz de "Academic Honor", da mesma; 3. Membro de Honra da Légion des Volontaires de Saeg, de Paris; 4. Sócio de Honra da Associazione Internazionale Insigniti Ordini Cavallereschi, de Palermo, Itália.

Os trabalhos foram abertos pelo Chefe Delegado, Prof. Arlindo Baptista Pereira, que, em brilhante improviso, disse da satisfação com que os presentes homenageavam o Dr. Veiga dos Santos, na oportunidade em que se comemorava mais um seu aniversário. Falou, também, exaltando a figura do homenageado o prof. Hugo Paulo Lichtenberger. Em seguida pronunciou breves palavras o Sr. Jerônimo Ricardo de Mattos representando o Comend. Prof. Vinício Stein de Campos.

Falou por fim o Chefe Geral agradecendo a homenagem dos amigos e camaradas "de armas" e especialmente ao Senhor Duque Aúthos Pagano, pela simplicidade do gesto e pelas bondosas palavras, afirmando finalmente a sua fé na coroação de sua vida de trabalho pró instauração do III.º Império Orgânico Patrianovista, que se avizinha.

Como remate foi servido um beberete, confraternizando-se os presentes, sendo o homenageado efusivamente abraçado.

P.

— Qual o actual regime do Brasil?

— República ditatorial-eleitoral! Seu lema é: "Pelos partidos contra a Nação".

### PARANINFANDO...

As 14 de fevereiro, perante numerosa assistência, no Teatro Colombo, paraninfando os ginásios do Ginásio Luciano Maia, o Dr. Arlindo Veiga dos Santos pronunciou uma péra oratória e "orientadora" que causou profunda impressão no auditório. Abordou o problema transcendente da aprendizagem da nossa lingua, isto é, a lingua portuguesa, base da cultura nacional, entendendo-se em considerações profundas sobre a futura grandeza do Brasil. Chamou a atenção da mocidade para o dever de aprendê-la (e, por meio dela, adestrar-se

em nossa Tradição total, estudá-la com carinho, conservando-a, diligentemente, em toda a sua pureza, porque ela será, em futuro que se avizinha, o veículo magnífico da unidade lusiada, para glória de Deus e grandeza do nosso futuro. História esta que começará a ser escrita exatamente no momento em que deixarmos de ser o eterno país do futuro.

Foi entusiasmado e ansiosamente aplauso que coroou a oração apaixonada do paraninfo.

O regimen imposto ao Brasil em 1889 é uma ditadura republicana eleitoral e fiscal, sustentada pela exploração do trabalho de todos os brasileiros.

### A MINHA TERRA NATAL

Na comemoração de seu 331.º aniversário de Município

A poucos quilômetros desta opulenta Matrópole, às margens do lendário Tietê, se estende simples, modesta e pobre, a venusta cidade de Santana de Parnaíba, minha terra natal; mas, apesar disto, não me furto a visitá-la, para admirá-la como tanto já fiz, onde há tantos anos vim ao mundo e onde o grande mestre Eugênio Teani me ensinou a respeitar e venerar esta célula da Pátria.

Ao contemplar-te sob o meu silêncio amargo e respeitoso, eu encontro, na tua modestia, o valor incensurável de um passado glorioso e nobre com isto formando um cabedal tão grande, que jamais será extinto através dos tempos!

Tua origem, prendese à discórdia havida entre bandeirantes, não tardando ser rival de Piratininga, cujo título te custou bem caro, e até hoje pagas pesado tributo! Pobre berço de Bartolomeu Bueno de Siqueira (Anhanguera), Padre Paupeu e tantos outros vultos que tornaram um Brasil gigante, em suas extensões territoriais, culturais, enfim uma Potência, como já fomos no segundo Império, hoje considerado um povo subdesenvolvido, como declarou a mais alta autoridade do País, há pouco tempo.

De tua mais valiosa herança da época, o Anhemby, partiram caravanas para dois nobres fins, alargar as fronteiras da Pátria e evangelizar os brasileiros, integrando-os na cidadania, tanfazendo a vontade lusa, isto é Trabalhar para Deus e El-Rei, eis a tua gloriosa missão nos primórdios de nossa raça. Cresceu a grande Pátria, cresceram as bandeiras, mas tua missão não estava finda, pois não se tinha acabado de construir a Pátria e teus filhos, intrepidos e intemeratos, começavam a plantar cidades, alargando fronteiras, sendo sonho de um dâles alcançar o Oceano Pacifico enquanto outro, como expoente máximo de uma cultura, elevava bon alto o nome dessa mesma Pátria, além das fronteiras. Crescia o Brasil, mas crescia também o fruto do trabalho generoso de teus filhos, que, saudados da terra, arguem uma cidade no extremo nordeste à qual dão o teu nome Parnaíba, em tua homenagem, sendo hoje importante centro de grande influência na Provincia do Piauí, enquanto tu continas esquecida por toda a nação, de todos, menos porém dos teus filhos, que, fitando a tua bucólica situação, vêm tua imagem resplendente refletida em tua nobreza e fidelidade a Deus e à Pátria!

Grças ao hercúleo esforço dos bandeirantes, dilatando fronteiras, plantando cidades, catequizando índios, estava já formada a nacionalidade, podendo ser agora atacada com uma continuação de Portugal, o que foi confirmado por D. João VI, e, logo depois, com a nossa separação política, não era possível que de teus filhos não partisse o necessário apoio, e assim colaboraste na consolidação do Império. Mais tarde, nas simultâneas desordens oriundas da república, cujos políticos avidos do venenoso liberalismo da Revolução Francesa, levando o ambiente, julgavam deprimir o Império, formando diversas repúblicas; ainda aqui tua colaboração se fez sentir, seguindo e obedecendo a Caxias, o grande pacificador e consolidador do Império, que deu fim às lutas internas, tão prejudiciais à unidade da Pátria; sobrevieram as guerras sulinas, a libertação dos escravos e finalmente a república. Não creio que em algum desses episódios pátrios estivesse ausente, assim como creio também que logo te desiluste dâtes novo regimen, dada a tua convicção de conservadora, isto é, por principio, fiel a teu lema: Deus, Pátria e Família (Evangelho de El-Rei).

Neste regimen, que veio destruir a unidade Pátria, por ser estranho copiado do estrangeiro, se deu margem a homens medíocres ascenderem ao poder, e, como estadistas improvizados, provocaram o regionalismo, o isolacionismo, que tanto prejudicou a Nação, e tu tiveste tuas carnes recortadas, em subdivisão para dois municípios pobres, além de destruir grande parte de tua renda; não contentes, consentem que os águas do teu grande Tietê, que ajudou a construir a Pátria, tragassem grande parte da cidade, sede municipal; eis por que digo que muito cedo te desilustiste do novo regimen.

Ainda dentro de toda a ingratidão de que foste vítima, eu admiro teu estoicismo, tudo abdicando em favor da grandeza da Capital Bandeirante, o que vale dizer pelo Brasil, fazendo admirar-te como verdadeiro Município Célula Mãe de Nação e vítima do esquecimento de um regimen ilegítimo!

Fitando esta mensagem, quero relembrar meus ancestrais, que tanto te amaram, e tudo fizeram para que teu nome fosse colocado na altura dos Municípios construtores da grande Pátria e para isto enfrentando até a morte, eu te saúdo beijando a imagem de Santa Anna, tua gloriosa Padroeira, e ao comemorar teu 331.º aniversário, fiel como tu aos meus ideais Patrianovistas, espero que a justiça prevalecerá dando o lugar de destaque que merecidamente reivindicarás no decorrer da história.

São estes os votos de um monarquista Parnaibano.

BENEDITO GUEDES

Essa geração sem fé, egoísta, sovina, pessimista afim de ter o pretexto de não colaborar de modo nenhum para a redenção da Pátria, só despartará quando explodir uma bernarda comunista, parto desta república injusta, inimiga da Nação, indiferente ao seu futuro. Tal geração está reclamando, pelos seus crimes e omissões, um castigo feroz e uma advertência dura.

Será castigada, quando menos o esperar, como o foram a Rússia, a Espanha e os pobres povos ora atrás da cortina de ferro.

E compreenderá SÓ ENTÃO que a salvação do Brasil não está na palhaçada trágica dos partidos, mas numa reviravolta total das instituições falsas democrático-republicanas a favor dum regimen tanto anti-comunista como anti-capitalista, ambos injustos, criminosos e inimigos do Povo Brasileiro e de todos os povos do mundo.

E então verá (não seja tarde!) que só o Império Patrianovista Orgânico poderá salvar a Pátria... e até as cabeças dos gozadores displicentes, egoístas, pessimistas e avarentos.

## PELO IMPÉRIO

Assumiu a Chefia do CONSELHO IMPERIAL PATRIANOVISTA MUNICIPAL de Passo-Fundo o sr. Arnaldo Bordignon. Sucedeu S. S. ao sr. Euclides Bordignon, que acumulava o cargo com a Coordenação Provincial no Rio-Grande do Sul.

Foi nomeado Chefe Regional para o Rio-Grande do Sul e Santa-Catarina o sr. Euclides Bordignon, sob cujo eficiente comando se realizaram grandes progressos na disseminação do Ideal Imperial naquela região.

Sob a Chefia Provincial do sr. dr. Manoel da Rocha Barbosa, foi fundada a Província Patrianovista de Santa Cruz, capital Itápolis. Por enquanto a sede está localizada em Uruguaia.

Foi nomeado Encarregado das Províncias Patrianovistas de Santa Cruz, Bala, Sergipe e Alagoas (em São Paulo) o Conselheiro Dr. Miguel Estefano Neto, já havendo assumido o cargo.

Foi nomeado Arquivista da sede central o Cons. Ten. Jerônimo Ricardo de Mattos, que antes acumulava essa função com a de 2.º Subsecretário Geral.

## POLÍTICA E EDUCAÇÃO

Os falsos profetas da política ensinaram que o povo é naturalmente bom e crearam o mito do povo soberano com a democracia liberal que gerou o desardem no mundo lúdiado ao país da pirâmide sem autoridade nenhuma, os quais presunçosamente (na sua eficiência insidiosa) pensam ser alguma coisa porque desgraçadamente manipulam tirânicos e dinheiro e a liberdade dos povos, esvaziadas em grupos secretos.

Igualmente, os falsos profetas da educação inventaram que a criança é naturalmente boa, fazendo-a soberana despótica, e fludiram os pais naturais transformados em palhaços sem autoridade sobre os filhos, assim como, por reflexo, os pais de ensino (os mestres) que não podem mais ensinar as boas letras em virtude das doutrinas estúpidas que, com os pretextos falsamente científicos mas realmente velhices de complexos em potência, arruinaram a educação.

Um dos países mais vitimados por essa desgraça (país se faz arauto internacional dessa "educação" nova) são os Estados-Unidos, onde imensa é a deserção dos professores de ensino médio, incapazes de domar as "boas" feras... sem a necessária chicote.

No Brasil, república macete dos verdadeiros Estados-Unidos, vai produzindo-se o mesmo fenómeno: pais-palhaços, filhos-feras e professores desoperados com a indisciplina e desestudo da mocidade mimada e intelectual.

## TRADIÇÃO

Tradição (do verbo latino tradere, que significa entregar) é o legado de cultura que cada geração transmite à seguinte e que esta deve conservar, melhorar e aumentar.

Sem a tradição seria impossível o progresso. A humanidade não avançaria se cada geração ficasse tibia ressa do passado e pretendesse começar de novo o trabalho social. Progrediu-se acumulando, capitalizando, enriquecendo com novas aquisições o que nos deixaram os que antes de nós trabalharam e lutaram. Assim se realiza a frase de Pascal: Toda a sucessão dos homens durante a longa série dos séculos deve ser considerada como um só homem que subsiste sempre e aprende continuamente.

Sendo lei da tradicionalidade a estabilidade da existência, não pode deixar de constituir uma fonte de energias morais e de sentimentos puros. A afecção se cria com a permanência e o enraizamento; e alma se afiaça às coisas que duram.

Salvador MINGULÓN, "Al servicio de la tradición", Javier Morata, Ed. Madrid, 1930.

## CONVERSA ENTRE PATRIANOVISTAS

— V. tem notado a multidão de crimes bárbaros, revoltantes, contra a vida e contra a propriedade? Não tem reparado nos peculatos, desfalques, etc.?

— Claro que tenho! E quem não tem?

— E tem notado também que fica tudo impuro?

— Tenho!

— E não haverá uma solução para isso?

— Há. É a ascensão de D. Pedro III ao poder. Que tal?

— Mas é muito difícil!

— O Chefe Geral não pensa assim. Ele crê que podemos, com grande fé, vontade, transformar o impossível em difícil, depois este em fácil e, finalmente, o fácil em realidade.

**«Monarquia»** — Este jornal não cobra assinatura. Mas, se cada um que por qualquer via o receber nos enviar Cr\$ 5,00 em selos, estará ajudando-nos a multiplicar a sua tiragem actual de apenas 5,000 exemplares e, ademais, a melhorá-lo.

Leia: **Orgânica Patrianovista, Maurras — defensor da realidade e Organização Monárquica do Estado.**

## QUEM FOI DOM LUIS DE ORLEANS — BRAGANÇA (DOM LUIS I SEGUNDO OS PATRIANOVISTAS)

Escreveu o brilhante Honório de Sylós o artigo "Perdeu o tempo — Perdeu a trona", na Gazeta a 20.6.36. E' d'esse artigo que com a devida vênia, transcrevemos a parte referente ao ex-celso Príncipe Perfeito, segundo pai e futuro Imperador do Brasil, S. A. I. R. Sr. Dom Pedro Henrique de Bragança:

— Nestes dias sombrios de uma República proclamada às pressas por um golpe militar, a gente volta o pensamento para o governo democrático do sr. I. Pedro II. E daí a idéia de apunhar, na estante, um livro do Martim Francisco repleto há uns vinte anos atrás e no qual desfilam expressivas figuras do passado. Trata-se de brochura esgotada e que, portanto, as novas gerações desconhecem não podendo, assim, avaliar a sedução do estilo de escritor, sua verve, a originalidade de sua imaginação.

O autor de "Viagem ao redor de mim mesmo" analisa, entre outros valores o príncipe D. Luis de Orleans - Bragança, que, como se sabe, foi herdeiro do coroa brasileira e pode ser considerado o mais ilustre dos descendentes do imperador bom: sempre o mesmo coração latino, sempre a mesma preocupação brasileira, presentes sempre à luzida do seu espírito os interesses, os direitos e o senão porvir da pátria ausente.

Martim Francisco esclarece que não conheceu, na política nacional, mentalidade mais equilibrada, inteligência mais primariamente educada. Falava e escrevia mais d'útil de línguas; nas asserções, rápido e, não raro, facto e exposição, ponderado nas réplicas; dava afabilidade que fascinava os seus patios, com bom preparo científico. — Ele achando que escrevia com empenho estudava incessantemente e ensinava conversando, era uma biblioteca animada: mais hora com ele valia uma semana de universidade.

O Brasil não está, nunca esteve — escreve a grande ironista — merecedor a capax de um governo livre, de um governo de opinião. Durante meio século quase, tentou Pedro II incorporar a Brasil ao desdobramento da civilização ocidental; perdeu o tempo e a trona.

D. Luis acompanhou a vida brasileira, minuto a minuto. E, em 11-9-1911 escreveu a Martim: "quando precisarem de mim, bastará um simples telegrama".

No dia em que Deodoro, doente, saiu de casa para (apenas) depor o Ministério Ouro Preto, tinha o Império, em circulação, a quantia de 192.000.000\$000. Depois, sob o novo regime, vieram, desabaladamente, as emissões:

Deodoro .....	321.000.000\$000
Floriano .....	300.000.000\$000

Prudente, um grande presidente, foi, naquele caos, obrigado a emitir (100.000.000\$000) para, principalmente, pagar despesas do seu antecessor e outras que a campanha do Canudos acarretou.

Após curto período de trabalho feroz, tivemos:

Hermes .....	333.000.000\$000
Wenceslau .....	650.000.000\$000

Em um quinquênio de República, o dinheiro em circulação subiu (pelo Brasil) de 192.000.000\$000 a 614.000.000\$000! E não se esqueça o leitor de que, a 15 de novembro, estava o sãmbão ao par e possuía nesse país um grande esquadra — uma das mais poderosas do mundo. Cinco anos depois pouco restava dela.

D. Luis daria consólio a esse perverso infortúnio de desorganização nacional? O pensador, o estudioso, o valente, o rico do talento e competência, a mente lídica que só cogitava dos destinos do seu pátria e da ventura de seus contemporâneos, atendendo à suprema direcção dos interesses públicos — pergunta Martim Francisco — salvaria o Brasil?

Uma pergunta deixou essas perguntas sem resposta...

O mal da República foi sua absurda improvisação e seu erro, mandando barra afora um grande democrata.

Aplicasse a D. Pedro a sentença de Vieira: "se servistes a pátria que vi foi ingrata, ela fez o que costuma; vós o que devíeis".

X X X

Está o Brasil à procura de uma solução. São muitos os atalhos. O necessário não deixa ver a vereda certa. Caminhos há tantos. Quando pizarmos chi existante?